

**DIOCESE DE JACAREZINHO**

# Ministros



**SUBSÍDIO DE FORMAÇÃO – MÓDULO II  
2015**

# Elenco das Leituras da Missa

## Introdução Geral Proêmio

### CAPÍTULO I

#### Princípios gerais para a celebração litúrgica da Palavra de Deus

##### 1. Algumas premissas

###### a) Importância da Palavra de Deus na celebração litúrgica

1. O Concílio Vaticano II, o magistério dos Sumos Pontífices e os vários documentos promulgados depois do mesmo Concílio por diversas Congregações da Santa Sé apontaram muitos aspectos sobre o valor da Palavra de Deus e sobre a restauração do uso da Sagrada Escritura em toda celebração litúrgica. Além disso, na Introdução ao Elenco das Leituras da Missa, publicados em 1969, foram oportunamente propostos e brevemente ilustrados alguns princípios de especial importância.

Mas agora, por ocasião desta nova edição do *Elenco das Leituras da Missa*, já que de diferentes lugares se pedia que se redigissem com mais precisão tais princípios, elaborou-se esta introdução de forma mais ampla e clara; nela, depois de uma afirmação genérica sobre a conexão entre a Palavra de Deus e a ação litúrgica, tratar-se-á primeiramente da Palavra de Deus na celebração da Missa e, depois, se apresentará a estrutura detalhada da ordem das leituras.

###### b) Termos que utilizam para designar a Palavra de Deus

2. Ainda que para esta matéria possa parecer realmente necessária uma delimitação dos termos, para maior clareza e exatidão do sentido, nesta introdução, no entanto, utilizaremos as mesmas palavras usadas nos documentos conciliares e pós-conciliares, e chamaremos indistintamente Sagrada Escritura ou Palavra de Deus os livros inspirados pelo Espírito Santo, evitando, porém, toda confusão de nomes e coisas.

###### c) Valor litúrgico da Palavra de Deus

3. Nas diferentes celebrações e nas diversas assembleias das quais os fiéis participam de maneira admirável, exprimem-se os múltiplos tesouros da única Palavra de Deus, seja no transcorrer do ano litúrgico, em que se recorda o mistério de Cristo em seu desenvolvimento, seja na celebração dos sacramentos e sacramentais da Igreja, seja nas respostas de cada fiel à ação interna do Espírito Santo. Desse modo, a mesma celebração litúrgica, que se sustenta e se apoia principalmente na palavra de Deus, converte-se num acontecimento novo e enriquece a palavra com uma nova interpretação e eficácia. Por isso, a Igreja continua fielmente na liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, visto que ele exorta a aprofundar o conjunto das

Escrituras, partindo do “hoje” de seu acontecimento pessoal.

## **2. Celebração litúrgica da Palavra de Deus**

### **a) Característica própria da Palavra de Deus na ação litúrgica**

**4.** Na celebração litúrgica, a Palavra de Deus não se exprime sempre do mesmo modo, nem penetra sempre nos corações dos fiéis com a mesma eficácia; mas Cristo está sempre em sua palavra e, realizando o mistério da salvação, santifica os homens e presta ao Pai o culto perfeito.

Mais ainda, a economia da salvação, que a Palavra de Deus não cessa de recordar e prolongar, alcança seu mais pleno significado na ação litúrgica, de modo que a celebração litúrgica se converta numa contínua, plena e eficaz apresentação desta Palavra de Deus.

Assim, a Palavra de Deus, proposta continuamente na Liturgia, é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai, que nunca deixa de ser eficaz entre os homens.

### **b) A Palavra de Deus na economia da salvação**

**5.** A Igreja anuncia o mesmo e único mistério de Cristo quando proclama, na celebração litúrgica, o Antigo e o Novo Testamento. Com efeito, no Antigo Testamento está latente o Novo, e no Novo se faz patente o Antigo. O centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Cristo: por isso deverão beber de sua fonte todos os que buscam a salvação e a vida.

Quanto mais profundamente se compreende a celebração litúrgica, mais profundamente também se estimará a importância da Palavra de Deus; e o que se diz de uma pode-se afirmar da outra, visto que ambas lembram o mistério de Cristo e o perpetuam cada qual a seu modo.

### **c) A Palavra de Deus na participação litúrgica dos fiéis**

**6.** Na ação litúrgica, a Igreja responde fielmente o mesmo “Amém” que Cristo, mediador entre Deus e os homens, pronunciou, de uma vez para sempre, ao derramar seu sangue, a fim de selar, com a força de Deus, a nova aliança no Espírito Santo.

Quando Deus comunica a sua Palavra, sempre espera uma resposta, que consiste em escutar e adorar “em Espírito e verdade” (Jo 4,23). O Espírito Santo, com efeito, é quem faz que esta resposta seja eficaz, para que se manifeste na vida o que se escuta na ação litúrgica, segundo aquelas palavras: “Sedes por isso executores da palavra, e não apenas ouvintes” (Tg 1,22).

As atitudes corporais, os gestos e palavras com que se exprime a ação litúrgica e se manifesta na participação dos fiéis não recebem seu significado unicamente da experiência humana, de onde são tirados, mas também da Palavra de Deus e da economia da salvação, à qual se referem. Por isso, os fiéis tanto mais participam da ação litúrgica quanto mais se esforçam, ao escutar a Palavra de Deus nela proclamada, por aderir intimamente à Palavra de Deus em pessoa, Cristo encarnado. Assim, procurem que o que celebrem na liturgia seja uma realidade em sua vida e costumes e, inversamente, o que fizerem em sua vida se reflita na liturgia.

### **3. A Palavra de Deus na vida do Povo da “Aliança”**

#### **a) A Palavra de Deus na vida da Igreja**

7. A Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus, e os prodígios que de muitas formas Deus realizou na história da salvação fazem-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica, de modo misterioso, mas real; Deus, por sua vez, vele-se da comunidade dos fiéis que celebra a liturgia para que a sua Palavra se propague e seja conhecida, e seu nome seja louvado por todas as nações.

Portanto, sempre a Igreja, congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, se reconhece a si mesma como o novo povo, no qual a aliança antigamente selada chega agora à sua plenitude e perfeição. Todos os cristãos, que pelo batismo e confirmação no Espírito se convertem em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutar a palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com testemunho de vida.

Esta Palavra de Deus, proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria.

#### **b) A Palavra de Deus na explicação que dela faz a Igreja**

8. Por vontade de Cristo, o novo povo de Deus está formado por uma admirável variedade de membros; por esta razão são também vários os ofícios e as funções que correspondem a cada um, no que se refere à Palavra de Deus. Os fiéis a escutam e a meditam, mas somente a explicam aqueles a quem, pela sagrada ordenação, corresponde a função do ministério, ou aqueles aos quais foi confiado este ministério.

Assim, em sua doutrina, vida e culto, a Igreja perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é e tudo o que ela crê, de tal modo que, ao longo dos séculos, vai caminhando continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela mesma se realize completamente a Palavra de Deus.

#### **c) Relação necessária entre a Palavra de Deus proclamada e a ação do Espírito Santo**

9. Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica e em norma e ajuda de toda a vida.

Assim pois, a atuação do Espírito Santo não só precede, acompanha e segue toda a ação litúrgica, mas também sugere ao coração de cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra de Deus, foi dito para toda a comunidade dos fiéis; e, ao mesmo tempo que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações.

#### **d) Íntima relação entre a Palavra de Deus e o mistério eucarístico**

10. A Palavra de Deus e o mistério eucarístico foram honrados pela Igreja com

a mesma veneração, embora com diferente culto. A Igreja sempre quis e determinou que assim, fosse, porque, impelida pelo exemplo de seu Fundador, nunca deixou de celebrar o mistério pascal de Cristo, reunindo-se para ler “todas as passagens da Escritura que a ele se referem” (Lc 24,27) e realizando a obra da salvação, por meio do memorial do Senhor e dos sacramentos. Com efeito, “a pregação da Palavra é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, visto que são sacramentos da fé, a qual nasce da palavra e dela se alimenta”.

Espiritualmente alimentada nessas duas mesas, a Igreja, em uma, instrui-se mais, e na outra santifica-se mais plenamente; pois na Palavra de Deus se anuncia a aliança divina, e na Eucaristia se renova esta mesma aliança nova e eterna. Numa, recorda-se a história da salvação com palavras; na outra a mesma história se expressa por meio de sinais sacramentais da Liturgia.

Portanto, convém recordar sempre que a Palavra divina que a Igreja lê e anuncia na Liturgia conduz, como a seu próprio fim, ao sacrifício da aliança e ao banquete da graça, isto é, à Eucaristia. Assim, a celebração da missa, na qual se escuta a Palavra e se oferece e se recebe a Eucaristia, constitui um só ato de culto divino com o qual se oferece a Deus o sacrifício de louvor e se realiza plenamente a redenção do homem.

**Primeira parte**  
**A Palavra de Deus na Celebração da Missa**

**CAPÍTULO II**  
**A Celebração da Liturgia da Palavra na Missa**

**1. Elementos e Ritos da Liturgia da Palavra**

**11.** “As leituras tiradas da Sagrada Escritura, com os cânticos que se intercalam, constituem a parte principal da liturgia da palavra; a homilia, a profissão de fé e a oração universal ou oração dos fiéis, a desenvolvem e concluem.”

**a) As leituras bíblicas**

**12.** Não é permitido que na celebração da missa as leituras bíblicas, juntamente com os cânticos tirados da Sagrada Escritura, sejam suprimidas, nem abreviadas nem, coisa ainda mais grave, substituídas por leituras não bíblicas. É por meio da própria Palavra de Deus, transmitida por escrito, que “Deus continua falando a seu povo”, e mediante o uso constante da Sagrada Escritura, o povo de Deus se faz mais dócil ao Espírito Santo por meio da luz, da fé e assim pode dar ao mundo, com sua vida e seus costumes, o testemunho de Cristo.

**13.** A Leitura do Evangelho constitui o ponto alto da liturgia da palavra, para a qual a assembleia se prepara com as outras leituras, na ordem indicada, isto é, a partir do Antigo Testamento até chegar ao Novo.

**14.** O que mais contribui para uma adequada comunicação da Palavra de Deus à assembleia por meio das leituras é a própria maneira de proclamar dos leitores, que devem fazê-lo em voz alta e clara, tendo conhecimento do que leem. As leituras, tiradas de edições aprovadas, segundo a índole dos diferentes idiomas, podem ser cantadas, mas de forma que o canto não obscureça as palavras, mas as esclareça. Se forem feitas em latim, observe-se o indicado no *Ordo Cantus Missae*.

**15.** Na liturgia da palavra, antes das leituras, e especialmente antes da primeira, podem-se fazer algumas admoestações breves e oportunas. É preciso levar muito em consideração o gênero literário dessas admoestações. Convém que sejam simples, fiéis ao texto, breves, bem preparadas e adaptadas em tudo ao texto, ao qual servem de introdução.

**16.** Na celebração da missa com o povo, as leituras devem ser feitas sempre do ambão.

**17.** Entre os ritos da liturgia da palavra, é preciso levar em consideração a veneração especial devida à leitura do Evangelho. Quando se dispõe de um Evangeliário, que nos ritos de entrada e tenha sido levado processionalmente por um diácono ou por um leitor, é conveniente que este mesmo livro seja tirado do altar por um diácono ou, se não houver diácono, por um sacerdote e seja levado para o ambão, acompanhado pelos ministros que levam velas e incenso ou outros sinais de veneração, conforme o costume. Os fiéis estão de pé e veneram o livro dos Evangelhos com suas aclamações ao Senhor. O

diácono que vai anunciar o Evangelho, inclinado diante do presidente da assembleia, pede e recebe a bênção. No caso de não haver diácono, o sacerdote se inclina diante do altar e diz em voz baixa a oração: “Ó Deus todo-poderoso, purifica-me o coração e os lábios...”.

No ambão, aquele que proclama o Evangelho saúda os fiéis, que estão de pé, lê o título da leitura, faz o sinal-da-cruz na fronte, na boca e no peito; a seguir, se for utilizado incenso, incensa o livro e, finalmente, lê o Evangelho. Ao terminar, beija o livro, dizendo secretamente as palavras prescritas.

É bom que se cantem a Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo e Palavra da Salvação, para que o povo, por sua vez, possa aclamar do mesmo modo, mesmo que o Evangelho tenha sido lido. Dessa forma, exprime-se a importância da leitura evangélica e se promove a fé dos ouvintes.

**18.** No final das leituras, a conclusão Palavra do Senhor pode ser cantada por um cantor, diferente do leitor que proclamou a leitura, e todos cantam a aclamação. Deste modo, a assembleia honra a Palavra de Deus recebida com fé e com espírito de ação de graças.

#### **b) O salmo responsorial**

**19.** O salmo responsorial, chamado também gradual, dado que é “parte integrante da liturgia da palavra”, tem grande importância litúrgica e pastoral. Por isso, é preciso instruir constantemente os fiéis sobre o modo de escutar a Palavra de Deus que nos é transmitida pelos salmos e sobre o modo de converter estes salmos em oração da Igreja. Isso “se realizará mais facilmente quando se promover com diligência, entre o clero, um conhecimento mais profundo dos salmos, segundo o sentido com que se cantam na sagrada liturgia, e quando se fizer que participem disso todos os fiéis com uma catequese oportuna”.

Também podem ajudar algumas breves admoestações, nas quais se indique o porquê daquele salmo determinado e da resposta, em relação com as leituras.

**20.** O Salmo responsorial deve ser preferencialmente cantado. Há duas formas de cantar o salmo depois da primeira leitura: a forma responsorial e a forma direta. Na forma responsorial, que se deve preferir enquanto for possível, o salmista ou o cantor do salmo cantam as estrofes do salmo, e toda a assembleia participa cantando da resposta. Na forma direta, o salmo é cantado sem que a assembleia intercale a resposta, e o cantam, ou o salmista ou o cantor do salmo sozinho, e a assembleia escuta, ou então o salmista e os fiéis juntos.

**21.** O canto do salmo ou da resposta contribuem muito para compreender o sentido espiritual do salmo e para meditá-lo profundamente.

Em cada cultura, deve-se utilizar tudo aquilo que possa favorecer o canto da Assembleia, e especialmente as faculdades previstas no Elenco das Leituras da Missa, referentes às respostas para cada tempo litúrgico.

**22.** O salmo que segue a leitura, se não for cantado, deve ser recitado de maneira mais adequada para a meditação da palavra de Deus. O salmo responsorial é cantado ou recitado por um salmista ou por um cantor, estando este no ambão.

#### **c) A aclamação antes da leitura do Evangelho**

**23.** Também o “Aleluia” ou segundo o tempo litúrgico, a aclamação antes do Evangelho “têm por si mesmos valor de rito ou de ato”, mediante o qual a assembleia dos

fiéis recebe e saúda o Senhor que vai falar, e professa a sua fé cantando.

O “Aleluia” e as outras aclamações antes do Evangelho devem ser cantados, estando todos de pé, de modo que todo o povo cante unanimemente, e não somente o cantor que o inicia, ou o coro.

#### **d) A homilia**

**24.** A homilia que ao longo do ano litúrgico expõe, a partir do texto sagrado, os mistérios da fé e as normas da vida cristã, como parte da liturgia da palavra a partir da Constituição litúrgica do Concílio Vaticano II, muitas vezes e com muito interesse foi recomendada e até prescrita para certas ocasiões. Na celebração da missa, a homilia, que normalmente é feita pelo próprio presidente, tem como finalidade que a Palavra de Deus anunciada, juntamente com a liturgia eucarística, seja como “uma proclamação das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação ou mistério de Cristo”. Com efeito, o mistério pascal de Cristo, anunciado nas leituras e na homilia, realiza-se por meio do sacrifício da missa. Cristo está sempre presente e operante na pregação de sua Igreja.

Assim, pois, a homilia, quer explique as palavras da Sagrada Escritura que se acaba de ler, quer explique outro texto litúrgico, deve levar a assembleia dos fiéis a uma ativa participação na Eucaristia, a fim de que “vivam sempre de acordo com a fé que professaram”. Com esta explicação viva, a Palavra de Deus que se leu e as celebrações que a Igreja realiza podem adquirir maior eficácia, com a condição de que a homilia seja realmente fruto da meditação, devidamente preparada, não muito longa nem muito curta, e de que se levem em consideração todos os presentes, inclusive as crianças e o povo, de modo geral as pessoas simples. Na concelebração, a homilia, ordinariamente, é feita pelo celebrante principal ou por um dos concelebrantes.

**25.** Nos dias em que ela for prescrita, a saber, nos domingos e festas de preceito, deve-se fazer a homilia em todas as missas que se celebram com assistência do povo, sem excluir as missas celebradas na tarde do dia precedente. Também deve haver homilia nas missas celebradas para as crianças ou para grupos particulares.

Recomenda-se muito a pregação da homilia nos dias de semana do Advento, da Quaresma e do Tempo Pascal, para o bem dos fiéis que participam regularmente da celebração da missa; e também em outras festas e ocasiões nas quais há maior assistência de fiéis na Igreja.

**26.** O sacerdote celebrante profere a homilia na cadeira, de pé ou sentado, ou no ambão.

**27.** Não pertence à homilia os breves avisos que se devam fazer à assembleia, pois seu lugar é em seguida à oração depois da comunhão.

#### **e) O silêncio**

**28.** A liturgia da palavra deve ser celebrada de tal maneira que favoreça a meditação; por isso deve-se evitar a pressa, que impede o recolhimento. O diálogo entre Deus e os homens, que se realiza com a ajuda do Espírito Santo, requer breves momentos de silêncio, adequados à assembleia presente, para que neles a Palavra de Deus seja acolhida interiormente e se prepare uma resposta, por meio da oração. Podem-se guardar estes momentos de silêncio, por exemplo, antes de comentar a liturgia da palavra, depois da primeira e da segunda leitura, e ao terminar a homilia.



#### **f) A profissão de fé**

**29.** O símbolo ou profissão de fé, dentro da missa, quando as rubricas o indicam, tem como finalidade que a assembleia reunida dê seu consentimento e sua resposta à Palavra de Deus ouvida nas leituras e na homilia, e traga à sua memória, antes de começar a celebração do mistério da fé na Eucaristia, a norma de sua fé, segundo a forma aprovada pela Igreja.

#### **g) A oração universal ou oração dos fiéis**

**30.** Na oração universal, a assembleia dos fiéis, iluminada pela Palavra de Deus, à qual de certo modo responde, pede normalmente pelas necessidades da Igreja universal e da comunidade local, pela salvação do mundo, pelos que se encontram em qualquer necessidade e por grupos determinados de pessoas.

Sob a orientação do celebrante, um diácono, um ministro ou alguns dos fiéis proporão oportunamente algumas breves petições composta com sábia liberdade, mediante as quais “o povo, exercendo o seu ofício sacerdotal, roga por todos os homens”. Desta forma, recolhendo o fruto da liturgia da palavra, a assembleia poderá passar mais adequadamente para a liturgia eucarística.

**31.** O sacerdote preside a oração universal estando na cadeira; e as intenções são enunciadas do ambão.

A assembleia participa da oração de pé, dizendo ou cantando a invocação comum depois de cada intenção, ou então orando em silêncio.

## **2. Coisas que ajudam a celebrar devidamente a Liturgia da Palavra**

#### **a) O lugar de onde se proclama a Palavra de Deus**

**32.** No recinto da igreja, deve existir um lugar elevado, fixo, adequadamente disposto e com a devida nobreza, que ao mesmo tempo corresponda à dignidade da Palavra de Deus e recorde aos fiéis que na missa se prepara a mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo, e que ajude da melhor maneira possível a que os fiéis ouçam bem e estejam atentos durante a liturgia da palavra. Por isso se deve procurar, segundo a estrutura de cada igreja, que haja uma íntima proporção e harmonia entre o ambão e o altar.

**33.** Convém que o ambão, de acordo com a sua estrutura, seja adornado com sobriedade, ou de maneira permanente ou, ao menos ocasionalmente, nos dias mais solenes.

Dado que o ambão é o lugar de onde os ministros proclamam a Palavra de Deus, reserva-se por sua natureza às leituras, ao salmo responsorial e ao sermão pascal. A homilia e a oração dos fiéis podem ser pronunciadas do ambão, já que estão intimamente ligadas a toda a liturgia da palavra. Mas não é conveniente que subam ao ambão outras pessoas, como o comentarista, o cantor, o dirigente do coro.

**34.** Para que o ambão ajude, da melhor maneira possível, nas celebrações, deve ser amplo, porque em algumas ocasiões têm de estar nele vários ministros. Além disso, é preciso procurar que os leitores que estão no ambão tenham suficiente luz para ler o texto e, na medida do possível, bons microfones para que os fiéis possam escutá-los facilmente.

#### **b) Os livros para anunciar a Palavra de Deus nas celebrações**

**35.** Os livros de onde se tiram as leituras da Palavra de Deus, assim como os ministros, as atitudes, os lugares e demais coisas, lembram os fiéis a presença de Deus que fala a seu povo. Portanto, é preciso procurar que os próprios livros, que são sinais e símbolos das realidades do alto na ação litúrgica, sejam verdadeiramente dignos, decorosos e belos.

**36.** Sendo sempre o anúncio evangélico o ponto alto da liturgia da palavra, as duas tradições litúrgicas, a ocidental e a oriental, mantiveram uma diferença entre o Evangelho e as demais leituras. com efeito, o livro dos Evangelhos era elaborado com grande cuidado, adornado e venerado mais do que qualquer outro lecionário. Assim, pois, é muito conveniente que também em nossos dias, nas catedrais, nas paróquias e igrejas maiores e mais concorridas, haja um Evangeliário, formosamente adornado e diferente do livro das demais leituras. Este é o livro entregue ao diácono na sua ordenação, e na ordenação episcopal é erguido e sustentado sobre a cabeça do eleito.

**37.** Por último, os livros das leituras que se utilizam na celebração, pela dignidade que a Palavra de Deus exige, não devem ser substituídos por outros subsídios de ordem pastoral, por exemplo, pelos folhetos que se fazem para que os fiéis preparem as leituras ou as meditem pessoalmente.

### CAPÍTULO III

#### Ofícios e Ministérios na Celebração da Liturgia da Palavra na Missa

##### 1. Funções do presidente na liturgia da palavra

38. Quem preside a liturgia da palavra, ainda que escute a Palavra de Deus proclamada aos outros, continua sendo sempre o primeiro ao qual se confiou a função de anunciar a Palavra de Deus, compartilhando com os fiéis, sobretudo na homilia, o alimento que esta palavra contém. Embora ele deva cuidar por si mesmo ou por outros que a Palavra de Deus seja proclamada adequadamente, a ele corresponde, ordinariamente, preparar algumas admoestações que ajudem os fiéis a escutar com mais atenção, e principalmente fazer a homilia, para facilitar-lhes uma compreensão mais profunda da Palavra de Deus.

39. Em primeiro lugar, é necessário que quem deve presidir a celebração conheça perfeitamente a estrutura do *elenco das Leituras da Missa*, a fim de que possa fazê-la frutificar nos corações dos fiéis; além disso, com oração e estudo compreenda muito bem a relação entre os diversos textos da liturgia da palavra para que, aproveitando o *Ordo Lectionum*, faça entender convenientemente o mistério de Cristo e sua obra salvífica.

40. Quem preside pode usar amplamente as diversas opções propostas no *Lecionário* no que se refere às leituras, respostas, salmos responsoriais, aclamações antes do Evangelho, mas de comum acordo com todos os interessados, sem excluir os fiéis naquilo que lhes diz respeito.

41. O presidente exerce, também, a sua função própria e o ministério da Palavra de Deus quando pronuncia a homilia.

Com efeito, a homilia conduz seus irmãos a uma compreensão saborosa da Sagrada Escritura; abre as almas dos fiéis à ação de graças pelas maravilhas de Deus; alimenta a fé dos presentes acerca da Palavra que na celebração se converte em sacramento pela intervenção do Espírito Santo; finalmente, prepara os fiéis para uma comunhão fecunda e os convida a praticar as exigências da vida cristã.

42. Cabe ao presidente introduzir, ocasionalmente, os fiéis com alguma admoestação à liturgia da palavra, antes da proclamação das leituras. Estas admoestações poderão ser de grande ajuda para que a assembleia escute melhor a Palavra de Deus, já que promovem a fé a boa vontade. Pode exercer esta função por meio de outras pessoas, por exemplo, o diácono ou um comentarista.

43. O presidente, dirigindo a oração universal e, se for possível, relacionando as leituras daquela celebração e a homilia com a oração, por meio da admoestação inicial e da oração conclusiva, conduz os fiéis à liturgia eucarística.

##### 2. Função dos fiéis na liturgia da palavra

44. A palavra de Cristo reúne, faz crescer e alimenta o povo de Deus, “isso vale especialmente para a liturgia da palavra na celebração da missa, na qual o anúncio da morte e ressurreição do Senhor e a resposta do povo que escuta se unem inseparavelmente com a própria oblação, pela qual Cristo confirmou com o seu sangue a nova Aliança, oblação de que participam os fiéis com o desejo e com a recepção do sacramento”. Com efeito, “não

somente quando se lê o que se escreveu para nosso ensinamento (Rm 15,4), mas também quando a Igreja ora, canta ou age, a fé dos assistentes se alimenta e suas almas se elevam para Deus, a fim de tributar-lhe um culto espiritual e receber a sua graça com maior abundância”.

**45.** Na liturgia da palavra, pela fé com que escuta, também hoje a assembleia dos fiéis recebe de Deus a palavra da aliança, e deve responder a esta palavra com a fé para que se vá convertendo cada vez mais em povo da nova Aliança.

O povo de Deus tem o direito de receber abundantemente o tesouro espiritual da Palavra de Deus, o que se consegue com o uso do *Ordo Lectionum*, com a homilia e com a ação pastoral. Na celebração da missa, os fiéis escutam a Palavra de Deus com tal devoção interior e exterior que cada dia neles aumente a vida espiritual e os introduza cada vez mais no mistério que se celebra.

**46.** Para que possa celebrar vivamente o memorial do Senhor, lembrem-se os fiéis de que a presença de Cristo é uma só, tanto na Palavra de Deus, “Pois quando se lê na Igreja a Sagrada Escritura, é ele quem fala”, como “especialmente sob as espécies eucarísticas”.

**47.** A Palavra de Deus, para que seja acolhida e traduzida na vida dos fiéis, exige uma fé viva, que cresce continuamente ao escutar a Palavra de Deus proclamada.

Com efeito, as Sagradas Escrituras são, sobretudo na proclamação litúrgica, uma fonte de vida e de força segundo o que diz São Paulo, quando afirma que o Evangelho é uma força de salvação para todo o que crê, por isso, o amor às Escrituras contribui para o vigor e a renovação de todo o povo de Deus. Portanto, é muito conveniente que todos os fiéis estejam sempre dispostos a escutar com alegria a Palavra de Deus. A Palavra de Deus, quando é anunciada pela Igreja e levada à prática, ilumina os fiéis pela atuação do Espírito Santo e os impele a viver na totalidade o mistério. A Palavra de Deus, recebida com fé, move o homem do fundo do seu coração à conversão e a uma vida resplandecente de fé, pessoal e comunitária, visto que a Palavra de Deus é o alimento da vida cristã e a fonte de toda oração da Igreja.

**48.** A íntima relação entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística na missa conduzirá os fiéis a estarem presentes, já desde o princípio, e a participarem atentamente. Enquanto possível, eles se prepararão para escutar a Palavra de Deus, adquirindo de antemão um profundo conhecimento das Sagradas Escrituras. Além disso, terão o desejo de alcançar a compreensão litúrgica dos textos que se leem e a vontade de responder por meio do canto. Desta forma, por meio da Palavra de Deus escutada e meditada, os fiéis podem dar uma resposta cheia de fé, esperança e amor, de oração e entrega de si mesmos, não somente durante a celebração da missa, também em toda a vida cristã.

### **3. Ministérios na Liturgia da Palavra**

**49.** A tradição litúrgica assinala a função de proclamar as leituras bíblicas na celebração da missa a ministros: leitores e diácono. Mas se não houver diácono nem outro sacerdote, o celebrante deve ler o Evangelho, e no caso em que não haja leitor, todas as demais leituras.

**50.** Na liturgia da palavra da missa, cabe ao diácono anunciar o Evangelho, fazer de vez em quando a homilia, se parecer conveniente, e propor ao povo as intenções da

oração universal.

**51.** “Na celebração eucarística, o leitor tem um ministério próprio, reservado a ele, ainda que haja outro ministro de grau superior”.

É importante dar a devida importância ao ministério do leitor, conferido por ato litúrgico. Os que foram instituídos como leitores, se os houver, devem exercer sua função própria, pelo menos nos domingos e festas, durante a missa principal. Além disso, pode-se confiar a eles o encargo de ajudar na organização da liturgia da palavra e de cuidar, se for necessário, da preparação de outros fiéis que, por designação temporânea, devem fazer as leituras na celebração da missa.

**52.** A assembleia litúrgica precisa ter leitores, ainda que não tenham sido instituídos para esta função. Por isso, é preciso procurar que haja alguns leigos, os mais aptos, que estejam preparados para desempenhar este ministério. Se houver vários leitores e várias leituras a serem feitas, convém distribuí-las entre eles.

**53.** Se não houver diácono na missa, a função de propor as intenções da oração universal caberá a um cantor, especialmente quando estas intenções forem cantadas, ou a um leitor, ou a outra pessoa.

**54.** O sacerdote diverso daquele que preside, o diácono e o leitor instituído, quando sobem ao ambão para ler a Palavra de Deus na missa, devem usar as vestimentas sagradas próprias de seu ofício. Porém os que ocasionalmente, e mesmo ordinariamente, desempenham o ofício de leitor podem subir ao ambão com sua roupa normal, mas respeitando os costumes das diversas regiões.

**55.** “Para que os fiéis cheguem a adquirir uma estima viva da Sagrada Escritura pela audição das leituras divinas, é necessário que os leitores que desempenham esse ministério, embora não tenham sido oficialmente instituídos nele, sejam realmente aptos e estejam cuidadosamente preparados”.

Tal preparação deve ser em primeiro lugar espiritual, mas é necessária também a preparação técnica. A preparação espiritual supõe pelo menos dupla instrução: bíblica e litúrgica. A instrução bíblica deve encaminhar-se no sentido de que os leitores possam compreender as leituras em seu contexto próprio e entender à luz da fé o núcleo central da mensagem revelada. A instrução litúrgica deve facilitar aos leitores certa percepção do sentido e da estrutura da liturgia da palavra e a relação entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística. A preparação técnica deve capacitar os leitores para que se tornem sempre mais aptos na arte de ler diante do povo, seja de viva voz, seja com a ajuda de instrumentos modernos para a amplificação vocal.

**56.** Cabe ao salmista, ou cantor do salmo, cantar de forma responsorial ou direta o salmo ou outro cântico bíblico, o gradual e o “Aleluia”, ou outro cântico interleccional. Ele mesmo pode iniciar o “Aleluia” e o versículo, se parecer conveniente.

Para exercer esta função de salmista é muito conveniente que em cada comunidade eclesial haja leigos dotados da arte de salmodiar e de uma boa pronúncia e dicção. O que se disse anteriormente sobre a formação dos leitores também se aplica aos salmistas.

**57.** Também o comentador exerce um verdadeiro ministério litúrgico quando, de um lugar adequado, propõe oportunas, claras, sóbrias, cuidadosamente preparadas, normalmente escritas e antecipadamente aprovadas pelo celebrante.

## Segunda parte Estrutura do Elenco das Leituras da Missa

### CAPÍTULO IV Distribuição Geral das Leituras da Missa

#### 1. Finalidade pastoral do Elenco das Leituras da Missa

**58.** *O Elenco das Leituras da Missa*, tal como se encontra no Lecionário do Missal Romano, foi realizado, em primeiro lugar, para obter um fim pastoral, seguindo o espírito do Concílio Vaticano II. Para conseguir esse fim, não só os princípios em que se baseia o novo *Ordo*, mas também a escolha dos próprios textos que se colocam a seguir, foram revistos e elaborados várias vezes, com a cooperação de muitas pessoas de todo o mundo, versadas em matérias exegéticas, litúrgicas, catequéticas e pastorais. *O Elenco das leituras da Missa* é o resultado deste trabalho comum.

Esperamos que uma contínua leitura e explicação da Sagrada Escritura ao povo cristão na celebração eucarística, segundo este *Elenco das Leituras da Missa*, seja muito eficaz para alcançar a finalidade exposta várias vezes pelo Concílio Vaticano II.

**59.** Nesta reforma pareceu conveniente elaborar um só *Elenco das Leituras da Missa*, rico e abundante quanto possível, de acordo com a vontade e as normas do Concílio Vaticano II, mas que, ao mesmo tempo, por sua forma se acomodasse aos determinados costumes e exigências das Igrejas particulares e das assembleias celebrantes. Por esta razão, os encarregados de elaborar essa reforma se preocuparam em salvaguardar a tradição litúrgica do rito romano, sem detrimento de uma grande estima pelo valor de todas as formas de seleção, distribuição e uso das leituras bíblicas nas demais famílias litúrgicas e em algumas Igrejas particulares, valendo-se daquilo que já havia sido comprovado por experiência e procurando ao mesmo tempo evitar alguns defeitos existentes na tradição precedente.

**60.** Portanto, o presente *Elenco da Leituras da Missa* é uma distribuição das leituras bíblicas que possibilita aos cristãos o conhecimento de toda a Palavra de Deus, conforme uma adequada explicação. Durante todo o ano litúrgico, mas sobretudo no tempo da Páscoa, da Quaresma e do Advento, a escolha e distribuição das leituras tende a que, de maneira gradual, os cristãos conheçam mais profundamente a fé que professam e a história da salvação. Por isso o *Elenco das Leituras da Missa* corresponde às necessidades e desejos do povo cristão.

**61.** Ainda que a ação litúrgica por si mesma não seja uma forma de catequese, inclui, não obstante, um caráter didático que se exprime também no *Lecionário do Missal Romano*, de maneira que com razão pode ser considerada como um instrumento pedagógico para estímulo da catequese.

Com efeito, o *Elenco das Leituras da Missa* oferece os fatos e palavras principais da história da salvação, tomando-os da Sagrada Escritura, de tal modo que esta história da salvação, que a liturgia da palavra vai recordando passo a passo, em diversos

momentos e eventos, aparece diante dos fiéis como algo que tem uma continuidade atual, ao se fazer presente de novo o mistério pascal de Cristo, celebrado pela Eucaristia.

**62.** Outra razão pela qual se compreende também a conveniência e a utilidade pastoral de um só *Elenco das Leituras* do Lecionário da missa no rito romano é o fato de que todos os fiéis, principalmente aqueles que por diversos motivos nem sempre participam da mesma assembleia, ouçam, em qualquer parte, em determinados dias e tempos, as mesmas leituras e as meditem aplicando-as às circunstâncias concretas, inclusive naqueles lugares em que, por falta de sacerdote, um diácono ou outra pessoa delegada pelo bispo dirige a celebração da Palavra de Deus.

**63.** Os pastores que quiserem dar uma resposta mais apropriada, tirada da Palavra de Deus, às circunstâncias especiais de suas próprias comunidades, sem esquecer que eles devem ser antes de mais nada arautos da totalidade do mistério de Cristo e do Evangelho, podem usar, segundo a conveniência, as possibilidades que o mesmo *Elenco das Leituras da Missa* oferece, sobretudo por ocasião da celebração de alguma missa ritual, votiva, ou em honra dos santos ou por diversas circunstâncias. Levando em consideração as normas gerais, concedem-se faculdades particulares quanto às leituras da Palavra de Deus nas celebrações da missa para grupos particulares.

## **2. Princípios na elaboração do Elenco das Leituras da Missa**

**64.** Para alcançar a finalidade própria do *Elenco das Leituras da Missa*, a escolha e distribuição das perícopes foi feita levando-se em consideração a sucessão litúrgicos e também os princípios hermenêuticos que os estudos exegéticos de nosso tempo permitiram descobrir e definir.

Por isso pareceu conveniente expor aqui os princípios observados na elaboração do *Elenco das Leituras da Missa*.

### **a) Seleção de textos**

**65.** A sucessão de leituras do “próprio do tempo” foi disposta da seguinte maneira: nos domingos e festas propõem-se os textos mais importantes, para que, num conveniente espaço de tempo, possam ser lidas diante da assembleia dos fiéis as partes mais relevantes da Palavra de Deus. A outra série de textos da Sagrada Escritura, que de certa forma completa o anúncio da salvação desenvolvido nos dias festivos, assinala-se para os dias da semana.

No entanto, nenhuma das duas séries dessas partes principais do *Elenco das Leituras da Missa*, isto é, a dominical-festiva e a série dos dias de semana, depende uma da outra. Mais ainda, a ordem das leituras dominical-festiva desenvolve-se num triênio, ao passo que a dos dias de semana o faz num biênio. Por isso, a ordem das leituras dominical-festiva procede de maneira independente da dos dias de semana, e vice-versa.

A sucessão de leituras propostas para as demais partes do *Elenco das Leituras da Missa*, tais como a série de leituras para as celebrações dos santos, para as missas rituais ou por diversas necessidades, ou as votivas, ou as missas de defuntos, rege-se por normas próprias.

### **b) Distribuição das leituras nos domingos e festas**

**66.** As características dos *Elenco das Leituras da Missa* para os domingos e festas são as seguintes:

1. Toda missa apresenta três leituras: a primeira, do Antigo Testamento; a segunda, do Apóstolo (isto é, das Epístolas dos Apóstolos ou do Apocalipse, segundo os diversos tempos do ano); a terceira, do Evangelho. Com esta distribuição sublinha-se a unidade do Antigo e do Novo Testamento, e da História da salvação, cujo centro é Cristo e seu mistério pascal que celebramos.

2. O fato de que para os domingos e festas se proponha um ciclo de três anos é par que haja uma leitura mais variada e abundante da Sagrada Escritura, já que os mesmos textos não voltarão a ser lidos, a não ser depois de três anos.

3. Os princípios que regulam a ordem das leituras dos domingos e festas são os chamados de “composição harmônica” ou de “leitura semicontínua”. Emprega-se um ou outro princípio segundo os diversos tempos do ano e as características especiais de cada tempo litúrgico.

**67.** A melhor composição harmônica entre as leituras do Antigo e do Novo Testamento tem lugar quando a própria Escritura a insinua, isto é, naqueles casos em que os ensinamentos e fatos expostos nos textos do Novo Testamento têm uma relação mais ou menos explícita com os ensinamentos e fatos do Antigo Testamento. No presente *Elenco das Leituras da Missa*, os textos do Antigo Testamento foram selecionados principalmente por sua congruência com os textos do Novo Testamento, especialmente com o Evangelho que se lê na mesma missa.

No tempo do Advento, Quaresma e Páscoa, isto é, naqueles tempos dotados de importância e características especiais, a composição entre os textos das leituras de cada missa baseia-se em princípios especiais.

No entanto, nos domingos do Tempo Comum, que não têm uma característica peculiar, os textos da leitura das Epístolas e do Evangelho se distribuem segundo a ordem da leitura semicontínua, ao passo que a leitura do Antigo Testamento se compõe harmoniosamente com o Evangelho.

**68.** O que era conveniente para os tempos, anteriormente citados não pareceu oportuno aplicá-lo também para os domingos do Tempo Comum, de modo que neles houvesse certa unidade temática que tornasse mais fácil a instrução das homilias. O genuíno conceito da ação litúrgica está em contradição, com efeito, com semelhante composição temática, já que tal ação litúrgica é sempre a celebração do mistério de Cristo e, por tradição própria, usa a Palavra de Deus, movida não só por algumas inquietações de ordem racional ou externa, mas pela preocupação de anunciar o Evangelho e levar os fiéis à verdade plena.

### **c) Distribuição das leituras para os dias da semana**

**69.** A distribuição das leituras para os dias de semana foi feita com estes critérios:

1. Toda missa apresenta duas leituras: a primeira do Antigo Testamento ou dos Apóstolos (isto é, das Epístolas dos Apóstolos ou do Apocalipse), e no Tempo Pascal dos Atos dos Apóstolos; a segunda, do Evangelho.

2. O ciclo anual do Tempo da Quaresma ordena-se segundo princípios peculiares que levam em consideração as características deste tempo, a saber, sua índole



batismal e penitencial.

3. Também nos dias de semana do Advento e dos tempos do Natal e da Páscoa, o ciclo é anual e portanto as leituras não variam.

4. Nos dias de semana das trinta e quatro semanas do Tempo Comum, as leituras evangélicas se distribuem num só ciclo que se repete cada ano. A primeira leitura, ao contrário, distribui-se em duplo ciclo que se lê em anos alternados. O ano primeiro emprega-se nos anos ímpares; o segundo, nos anos pares.

Deste modo, também o *Elenco das Leituras da Missa* para os dias de semana, da mesma forma que nos domingos e festas, põem-se em prática os princípios da composição harmônica e da leitura semicontínua, de maneira semelhante, quando se trata daqueles tempos que ostentam características peculiares ou do Tempo Comum.

#### **d) As leituras para as celebrações dos santos**

**70.** Para as celebrações dos santos oferece-se dupla série de leituras:

1. Uma no próprio, para as solenidades, festas e memórias, principalmente se para cada uma delas se encontram textos próprios. Ou então, indica-se algum texto mais adequado, dentre os que se encontram no Comum, de preferência aos outros.

2. Outra série, mais ampla, encontra-se nos Comuns dos Santos. Nesta parte, primeiro propõem-se os textos próprios para as diversas categorias de santos (mártires, pastores, virgens etc.); depois uma série de textos que tratam da santidade em geral, e que podem ser empregados à livre escolha, desde que se remeta aos Comuns para a escolha das leituras.

**71.** No que se refere à ordem em que estão colocados os textos nesta parte, ajudará saber que se encontram grupados na ordem em que devem ser lidos. Assim, encontram-se primeiro os textos do Antigo Testamento, depois dos textos do Apóstolo, em seguida, os salmos e versículos interlecionais e, finalmente, os textos do Evangelho. Estão colocados dessa maneira para que o celebrante os escolha à vontade, levando em consideração as necessidades pastorais da assembleia que participa da celebração, a não ser que se indique expressamente algo diferente.

#### **e) As leituras para as missas rituais, para diversas necessidades, votivas e de defuntos**

**72.** Nessa mesma ordem são dispostos os textos das leituras para as missas rituais, para diversas necessidades, votivas e de defuntos: oferecem-se vários textos juntos, como nos Comuns dos Santos.

#### **f) Principais critérios aplicados na seleção e distribuição das leituras**

**73.** Além desses princípios, que regulam a distribuição das leituras em cada parte do *Elenco das Leituras da Missa*, há outros de caráter mais geral, que podem ser enunciados da seguinte maneira:

##### **1º. Reserva de alguns livros segundo os tempos litúrgicos**

**74.** Pela importância intrínseca do assunto e por tradição litúrgica, no presente *Elenco das Leituras da Missa*, alguns livros da Sagrada Escritura reservam-se para

determinados tempos litúrgicos. Por exemplo, respeita-se a tradição, tanto ocidental (ambrosiana e hispânica) como oriental, de ler os Atos dos Apóstolos no Tempo Pascal, já que este livro serve grandemente para fazer ver como a vida da Igreja encontra suas origens no mistério pascal. Conserva-se, também, a tradição, tanto ocidental como oriental, de ler o Evangelho de São João nas últimas semanas da Quaresma e no Tempo Pascal.

A leitura de Isaías, principalmente da primeira parte, é atribuída por tradição ao Tempo do Advento. Não obstante, alguns textos deste livro são lidos no Tempo do Natal. No Tempo do Natal, lê-se também a primeira carta de São João.

## **2.º Extensão dos textos**

**75.** Com relação à extensão dos textos, guarda-se um termo médio. Faz-se uma distinção entre as narrações, que demandam certa extensão maior do texto e que geralmente os fiéis escutam com atenção, e aqueles textos que, pela profundidade de seu conteúdo, não podem ser muito extensos.

Para alguns textos mais longos, prevê-se dupla forma, a longa e a breve, segundo a conveniência. Estas abreviações foram feitas com grande cuidado.

## **3.º Os textos mais difíceis**

**76.** Por motivos pastorais, nos domingos e solenidades evitam-se os textos bíblicos realmente difíceis, seja objetivamente, porque suscitam árduos problemas de índole literária, crítica ou exegética, seja também, pelo menos até certo ponto, porque são textos que os fiéis dificilmente poderiam entender. Contudo, era inadmissível não proporcionar aos fiéis as riquezas espirituais de alguns textos pela simples razão de serem difíceis de entender, quando esta dificuldade deriva de uma insuficiente formação cristã, da qual nenhum fiel deve estar privado, ou de uma insuficiente formação bíblica, que todo pastor de almas deve possuir abundantemente. Algumas vezes, uma leitura difícil torna-se fácil por sua harmonia com outra leitura da mesma missa.

## **4.º Omissão de alguns versículos**

**77.** A tradição de algumas liturgias, sem excluir a própria liturgia romana, às vezes costumava omitir alguns versículos das leituras da Escritura. Certamente, deve-se admitir que essas omissões não podem ser feitas com superficialidade, para que não aconteça que fiquem mutilados o sentido do texto ou o espírito e o estilo próprio da Escritura. Contudo, salvando sempre a integridade do sentido no essencial, pareceu conveniente, por motivos pastorais, conservar também nessa ordem a tradição mencionada. Do contrário, alguns textos ficariam excessivamente longos, ou haveria a necessidade de omitir totalmente algumas leituras de não pouca importância para os fiéis, porque contêm uns poucos versículos que, do ponto de vista pastoral, não menos proveitosos ou incluem algumas questões realmente muito difíceis.

## **3. Princípios a aplicar no uso do Elenco das Leituras da Missa**

### **a) Faculdade de escolher alguns textos**

**78.** No *Elenco das Leituras da Missa*, às vezes se concede ao celebrante a faculdade de escolher a leitura d e um ou outro texto, ou de escolher um texto entre os diversos propostos ao mesmo tempo para a mesma leitura. Isso raramente acontece nos domingos, solenidades e festas, para que não fique diluída a índole própria de algum tempo litúrgico, ou não se interrompa indevidamente a leitura semicontínua de algum livro; pelo contrário, esta faculdade dá-se com mais facilidade nas celebrações dos santos e nas missas rituais, para as diversas necessidades, votivas e de defuntos.

Tal faculdade, juntamente com outras, indicadas na *Instrução Geral sobre o Missal Romano* e no *Ordo Cantus Missae*, tem finalidade pastoral. O sacerdote, portanto, ao organizar a liturgia da palavra, “levará em consideração mais o bem espiritual de toda a assembleia do que as suas preferências pessoais. Além disso, deve ter presente que uma escolha desse tipo deverá ser feita de comum acordo com os que celebram com ele e com os outros que deverão tomar parte na celebração, sem excluir os próprios fiéis na parte que mais diretamente a eles se refere”.

### **1.º As duas leituras antes do Evangelho**

**79.** Nas missas em que se propõem três leituras é preciso fazer efetivamente três leituras. Não obstante, se a Conferência Episcopal, por motivos pastorais, permitir que em alguma parte se façam somente duas leituras, a escolha entre as duas primeiras leituras deve ser feita de modo que não se desvirtue o projeto de instruir plenamente os fiéis sobre o mistério da salvação\*. Por isso, a não ser que em algum caso se indique de outro modo, entre as duas primeiras leituras é preciso preferir aquela que esteja mais diretamente relacionada com o Evangelho, ou aquela que, segundo o projeto antes mencionado, seja de mais ajuda para realizar durante algum tempo uma catequese orgânica, ou aquela que facilite a leitura semicontínua de algum livro..

### **2.º Forma longa ou breve**

**80.** Ao escolher entre as duas formas em que se apresenta um mesmo texto, é preciso guiar-se também por um critério pastoral. Com efeito, às vezes se dá uma forma longa e outra breve do mesmo texto. Neste caso é preciso atender a que os fiéis possam escutar com proveito a forma mais curta ou a mais extensa, e também à possibilidade de que escutem o texto mais completo, que depois será explicado na homilia.

### **3.º Duplo texto proposto**

**81.** Quando se concede a faculdade de escolher entre um ou outro texto já determinado, ou quantos e deixa à escolha, será mister atender à utilidade dos que participam. Isso pode acontecer quando se teme que um dos textos escolhidos apresente dificuldades para a assembleia. Nesse caso, deve-se optar pelo texto mais fácil ou mais conveniente para a assembleia reunida. Pode também acontecer que o mesmo texto deva ser proclamado de novo dentro de alguns dias, no domingo ou num dia de semana que seguem imediatamente, de maneira que uma vez ele seja leitura própria e a outra vez seja leitura de

livre escolha por motivos pastorais. Nesse caso, deve-se ver se é melhor repetir este texto ou substituí-lo por outro.

#### **4.º As leituras dos dias de semana ou feriais**

**82.** Na ordem das leituras dos dias de semana, propõem-se alguns textos para cada dia da semana, durante todo o ano; portanto, como norma geral, se tomarão estas leituras nos dias que lhes são assinalados, a não ser que coincida uma solenidade ou uma festa, ou uma memória que tenha leituras próprias.

No *elenco das leituras da Missa* para os dias de semana, é preciso ver se durante aquela semana, em razão de alguma celebração que coincida, se deverá omitir alguma ou algumas leituras do mesmo livro. Verificando-se este caso, o sacerdote, tendo em vista a distribuição das leituras de toda a semana, deverá prever que partes omitirá, por serem de menor importância, ou a maneira mais conveniente de unir estas às demais, quando são úteis para uma visão de conjunto do assunto de que tratam.

#### **5.º As celebrações dos santos**

**83.** Para as celebrações dos santos propõem-se, quando elas existem, leituras próprias, isto é, que tratam da mesma pessoa do santo ou do mistério que a missa celebra. Estas leituras, embora se trate de uma memória, devem ser feitas no lugar das leituras correspondentes ao dia da semana. Quando se dá este caso numa memória, o *Elenco das Leituras da Missa* o indica expressamente em seu lugar.

Às vezes, dá-se o caso de leituras apropriadas, isto é, que sublinham algum aspecto peculiar da vida espiritual ou da atividade do santo. Em tal caso, não parece que se deva impor o uso destas leituras, a não ser que o motivo pastoral o aconselhe realmente. Geralmente, indicam-se as leituras que existem nos Comuns, para facilitar a escolha. Trata-se apenas de sugestões: em vez da leitura apropriada ou simplesmente proposta, pode-se escolher qualquer outra dos Comuns indicados.

O sacerdote que celebra com participação do povo procurará em primeiro lugar o bem espiritual dos fiéis e evitará impor-lhes as próprias preferências. Procurará de maneira especial não omitir com frequência e sem motivo suficiente as leituras indicadas para cada dia no Lecionário Ferial, pois é desejo da Igreja que os fiéis disponham da mesa da Palavra de Deus ricamente servida.

Há também leituras comuns, isto é, as que figuram nos Comuns par determinada categoria de santos (por exemplo, mártires, virgens, pastores) ou para os santos em geral. Como nestes casos se propõem vários textos para uma mesma leitura, cabe ao celebrante escolher o que mais convenha aos ouvintes.

Em todas as celebrações, além dos Comuns aos quais se remete em cada caso, sempre que o aconselhe algum motivo especial, as leituras podem ser escolhidas do Comum dos Santos e Santas.

**84.** Além disso, nas celebrações dos santos, é preciso levar em consideração o seguinte:

a) Nas solenidades e festas devem-se empregar sempre as leituras que se encontram no Próprio ou no Comum; nas celebrações do calendário geral indicam-se

sempre leituras próprias.

b) Nas solenidades dos calendários particulares devem propor-se três leituras: a primeira do Antigo Testamento (no Tempo Pascal, dos Atos dos Apóstolos ou do Apocalipse), a segunda do Apóstolo e a terceira do Evangelho, a não ser que a Conferência Episcopal\* tenha determinado que se deva haver só duas leituras.

c) Nas festas e memórias em que há somente duas leituras, a primeira pode ser escolhida do Antigo Testamento ou do Apóstolo, a segunda do Evangelho. Todavia, no tempo pascal, segundo o costume tradicional da Igreja, a primeira leitura deve ser do Apóstolo, a segunda, na medida do possível, do Evangelho de São João.

## **6.º As outras parte do Elenco das Leituras da Missa**

**85.** No *Elenco das Leituras da Missa* para as missas rituais, indicam-se os mesmos textos que já foram promulgados nos respectivos Rituais, excetuando, como é natural, os textos pertencentes às celebrações que não se podem juntar com a missa.

**86.** O *Elenco das Leituras da Missa* para diversas necessidades, votivas e de defuntos, apresenta diversidade de textos que podem prestar uma valiosa ajuda para adaptar estas celebrações às características, às circunstâncias e aos problemas das diversas assembleias que delas participam.

**87.** Nas missas rituais, para diversas necessidades, votivas e de defuntos, quando se propõem vários textos para a mesma leitura, a escolha se faz com os mesmos critérios anteriormente descritos para escolher as leituras do Comum dos Santos.

**88.** Quando alguma missa ritual estiver proibida e, segundo as normas indicadas em cada rito, se permitir tomar uma leitura daquelas propostas para as missas rituais, deve-se atender ao bem comum espiritual dos que participam.

### **b) O salmo responsorial e a aclamação antes da leitura do Evangelho**

**89.** Entre esses cânticos, tem especial importância o salmo que se segue à primeira leitura. Como norma, deve-se tomar o salmo indicado para leitura, a não ser que se trate de leituras do Comum dos Santos, das missas rituais, para diversas necessidades, votivas ou de defuntos, já que nestes casos a escolha cabe ao sacerdote celebrante, que agirá segundo a utilidade pastoral dos participantes.

Entretanto, para que o povo possa mais facilmente dizer a resposta salmódica, o *Elenco das Leituras da Missa* assinala alguns textos de salmos e de respostas escolhidos para os diversos tempos do ano ou para as diversas categorias de santos, os quais poderão ser empregados em vez do texto que corresponde à leitura, sempre que o salmo for cantado.

**90.** O outro canto, que se faz depois da segunda leitura, antes do Evangelho, é determinado em cada missa e está relacionado com o Evangelho, ou então é deixado à livre escolha entre a série comum de cada tempo litúrgico ou do Comum.

**91.** No Tempo da Quaresma, pode-se empregar alguma das aclamações propostas mais adiante; ela precede e segue o versículo antes do Evangelho.

## CAPÍTULO V

### Descrição do Elenco das Leituras da Missa

**92.** Para ajudar os pastores de almas a conhecer a estrutura do *Elenco das Leituras da Missa*, para que usem de forma viva e com proveito dos fiéis, parece oportuno dar dele uma breve descrição, pelo menos no que se refere às principais celebrações e aos diversos tempos do ano litúrgico, em atenção aos quais se escolheram as leituras segundo as normas antes indicadas.

#### 1. Tempo do Advento

##### a) Domingos

**93.** As leituras do Evangelho têm uma característica própria: refere-se à vinda do Senhor no final dos tempos (primeiro domingo), a João Batista (segundo e terceiro domingos), aos acontecimentos que preparam de perto o nascimento do Senhor (quarto domingo).

As leituras do Antigo Testamento são profecias sobre o Messias e o tempo messiânico, tiradas principalmente do livro de Isaías. As leituras do Apóstolo contêm exortações e ensinamentos relativos às diversas características deste tempo.

##### b) Dias da semana

**94.** Há duas séries de leituras, uma desde o princípio até o dia 16 de dezembro, a outra do dia 17 a 24.

Na primeira parte do Advento, lê-se o livro de Isaías, seguindo a ordem do livro, sem excluir aquelas perícopes mais importantes que se leem também aos domingos. Os Evangelhos destes dias estão relacionados com a primeira leitura.

A partir da quinta-feira da segunda semana, começam as leituras do Evangelho sobre João Batista; a primeira leitura é uma continuação do livro de Isaías ou um texto relacionado com o Evangelho.

Na última semana antes do Natal, leem-se os acontecimentos que preparam imediatamente o nascimento do Senhor, tirados do Evangelho de São Mateus (cap. 1) e de São Lucas (cap. 1). Para a primeira leitura foram selecionados alguns textos de diversos livros do Antigo Testamento, levando em consideração o Evangelho do dia; entre eles se encontram alguns vaticínios messiânicos de grande importância.

#### 2. Tempo do Natal

##### a) Solenidades, festas e domingos

**95.** Na vigília e nas três missas do Natal, as leituras, tanto proféticas como as demais, foram tiradas da tradição romana.

No domingo dentro da oitava do Natal, festa da Sagrada Família, o Evangelho é da infância de Jesus, as outras leituras falam das virtudes da vida doméstica.

Na oitava do Natal e solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, as leituras tratam

da Virgem, Mãe de Deus, e da imposição do Santíssimo Nome de Jesus.

No segundo domingo depois do Natal, as leituras tratam do mistério da encarnação.

Na Epifania do Senhor, a leitura do Antigo Testamento e o Evangelho conservam a tradição romana; na leitura apostólica, lê-se um texto relativo à vocação dos pagãos à salvação.

Na festa do Batismo do Senhor, os textos referem-se a este mistério.

#### **b) Dias de semana**

**96.** Desde o dia 29 de dezembro, faz-se uma leitura contínua de toda a primeira carta de São João, que já se começou a ler no dia 27 de dezembro, festa do mesmo São João, e no dia seguinte, festa dos santos inocentes. Os Evangelhos referem-se às manifestações do Senhor. Leem-se os acontecimentos da infância de Jesus, tirados do Evangelho de São Lucas (dias 29 e 30 de dezembro), o primeiro capítulo do Evangelho de São João (31 de dezembro a 5 de janeiro), e as principais manifestações do Senhor, retiradas dos quatro Evangelhos (7 a 12 de janeiro).

### **3. Tempo da Quaresma**

#### **a) Domingos**

**97.** As leituras do Evangelho são distribuídas da seguinte maneira: no primeiro e segundo domingos, conservam-se as narrações das tentações e da transfiguração do Senhor, mas lidas segundo os três sinóticos.

Nos três domingos seguintes, foram recuperados, para o ano A, os evangelhos da samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro; estes, por serem de grande importância em relação à iniciação cristã, podem ser lidos também nos anos B e C, sobretudo quando há catecúmenos.

Todavia, nos anos B e C há também outros textos, a saber: no ano B, alguns textos de São João sobre a futura glorificação de Cristo por sua cruz e ressurreição; no ano C, alguns textos de São Lucas sobre a conversão.

No domingo de Ramos da Paixão do Senhor, foram escolhidos para a procissão dos textos que referem à solene entrada do Senhor em Jerusalém, tirados dos três Evangelhos sinóticos; na missa lê-se o relato da Paixão do Senhor.

As leituras do Antigo Testamento referem-se à história da salvação que é um dos temas próprios da catequese quaresmal.

Cada ano há uma série de textos que apresentam os principais elementos desta história, desde o princípio até a promessa da nova aliança.

As leituras do Apóstolo foram escolhidas de tal forma que tenham relação com as leituras do Evangelho e do Antigo Testamento e haja, na medida do possível, uma adequada conexão entre as mesmas.

#### **b) Dias de semana**

**98.** As leituras do Evangelho e do Antigo Testamento foram escolhidas de modo que tivessem uma relação mútua e tratam de diversos temas próprios da catequese quaresmal, em consonância com o significado espiritual deste tempo. Desde a segunda-feira

da quarta semana, oferece-se uma leitura semicontínua do Evangelho de São João, na qual se incluem aqueles textos deste Evangelho que melhor correspondem às características da Quaresma.

Como as leituras da samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro agora se leem aos domingos, mas somente no ano A (e nos outros anos de maneira opcional), previu-se que possam ser lidas, também nos dias de semana; por isso, no começo da terceira, quarta e quinta semanas, acrescentaram-se algumas “missas opcionais” que contêm esses textos; tais missas podem ser empregadas em qualquer dia da semana correspondente, em lugar das leituras do dia.

Nos primeiros dias da Semana Santa, as leituras consideram o mistério da Paixão. Na missa do Crisma, as leituras sublinham a função messiânica de Cristo e sua continuação na Igreja, por meio dos sacramentos.

#### **4. Tríduo sacro e Tempo Pascal**

##### **a) Sacro Tríduo Pascal**

**99.** Na quinta-feira Santa, na missa vespertina, a recordação do banquete que precedeu o êxodo ilumina, de maneira especial, o exemplo de Cristo ao lavar os pés dos discípulos e as palavras de Paulo sobre a instituição da Páscoa cristã na Eucaristia.

A ação litúrgica da sexta-feira santa chega ao seu momento culminante no relato segundo São João da Paixão daquele que, como o Servo do Senhor, anunciado no livro de Isaías, tornou-se realmente o único sacerdote a oferecer-se a si mesmo ao Pai.

Na vigília pascal da noite santa, propõem-se sete leituras do Antigo Testamento, que lembram as maravilhas de Deus na história da salvação, e duas do Novo, a saber, o anúncio da ressurreição, segundo os três Evangelhos sinóticos, e a leitura apostólica sobre o batismo cristão como sacramento da ressurreição de Cristo.

Para a missa do dia da Páscoa, propõe-se a leitura do Evangelho de São João sobre o encontro do sepulcro vazio. Pode-se ler também, caso se prefira, os textos dos Evangelhos propostos para a noite santa, ou, quando houver missa vespertina, a narração de Lucas sobre a aparição aos discípulos que iam para Emaús. A primeira leitura é retirada dos Atos dos Apóstolos, que se leem durante o Tempo Pascal, em vez da leitura do Antigo Testamento. A leitura do Apóstolo refere-se ao mistério da Páscoa vivido na Igreja.

##### **b) Domingos**

**100.** Até o terceiro domingo da Páscoa, as leituras do Evangelho relatam as aparições de Cristo ressuscitado. As leituras do Bom Pastor são proclamadas no quarto domingo da Páscoa. No quinto, sexto e sétimo domingos da Páscoa leem-se passagens escolhidas do discurso e da oração do Senhor depois da última ceia.

A primeira leitura é tirada dos Atos dos Apóstolos, no ciclo dos três anos, de modo paralelo e progressivo; dessa forma, em cada ano oferecem-se algumas manifestações da vida, testemunho e progresso da Igreja primitiva.

Para a leitura apostólica, no ano A, lê-se a primeira carta de São Pedro; no ano B, a primeira carta de São João; e no ano C, o Apocalipse; estes textos estão de acordo com o espírito de uma fé alegre e uma firme esperança, próprios deste tempo.



### c) Dias de semana

**101.** A primeira leitura é tirada dos Atos dos Apóstolos, como nos domingos, de modo semicontínuo. No Evangelho, dentro da oitava da Páscoa, leem-se os relatos das aparições do Senhor. Depois, faz-se uma leitura semicontínua do Evangelho de São João, do qual se tiram, agora, os textos de cunho pascal, para completar assim a leitura já começada no tempo da Quaresma. Nesta leitura pascal ocupam uma grande parte o discurso e a oração do Senhor depois da ceia.

### d) Solenidade da Ascensão e Pentecostes

**102.** A solenidade da Ascensão conserva como primeira leitura a narração do evento segundo os Atos dos Apóstolos, e este texto é completado pelas leituras apostólicas acerca do Cristo elevado à direita do Pai. Na leitura do Evangelho cada ciclo apresenta o texto próprio segundo as variantes de cada evangelista.

Na missa que se celebra na tarde da vigília de Pentecostes, oferecem-se quatro textos do Antigo Testamento, para que se escolha um deles, que ilustram o múltiplo significado da solenidade. A leitura apostólica explica como o Espírito realiza a sua função na Igreja. finalmente, a leitura evangélica recorda a promessa do Espírito feita por Cristo, quando ainda não havia sido glorificado.

Na missa do dia, toma-se como primeira leitura a narração que nos fazem os Atos dos Apóstolos do grande acontecimento de Pentecostes, ao passo que os textos do Apóstolo manifestam os efeitos da atuação do Espírito na vida da Igreja. A leitura evangélica traz à memória como Jesus, na tarde do dia de Páscoa, torna os discípulos participantes do Espírito, ao passo que os outros textos opcionais tratam da ação do Espírito nos discípulos e na Igreja.

## 5. Tempo Comum

### a) Distribuição e seleção dos textos

**103.** O Tempo Comum começa na segunda-feira que segue o domingo depois do dia 6 de janeiro e termina na terça-feira antes da Quaresma, inclusive; recomeça na segunda-feira depois do domingo de Pentecostes e termina antes das primeiras vésperas do primeiro domingo do Advento.

*O Elenco das Leituras da Missa* contém leituras para os 34 domingos e as semanas que os seguem. Às vezes, porém, as semanas do Tempo Comum são apenas 33. Além disso, alguns domingos ou pertencem a outro tempo litúrgico (o domingo em que se celebra o Batismo do Senhor e o domingo de Pentecostes), ou ficam impedidos por uma solenidade que coincide com eles (por exemplo: Santíssima Trindade, Jesus Cristo Rei do Universo).

**104.** Para ordenar corretamente o uso das leituras estabelecidas para o Tempo Comum, deve-se observar o seguinte:

1) O domingo em que se celebra a festa do Batismo do Senhor ocupa o lugar do 1.º domingo do Tempo Comum; portanto, as leituras da Semana I começa na segunda-feira depois do domingo após o dia 6 de janeiro. Se a festa do Batismo do Senhor se celebra na segunda-feira depois do domingo em que se celebrou a Epifania, as leituras da Semana I começam na terça-feira.

2) O domingo que segue a festa do Batismo do Senhor é o 2.º do Tempo Comum. Os outros numeram-se em ordem progressiva, até o domingo que precede o início da Quaresma. As leituras da semana em que ocorre a Quarta-feira de Cinzas interrompem-se depois do dia que precede esta quarta-feira.

3) Ao recomeçar as leituras do Tempo Comum depois do domingo de Pentecostes, é preciso levar em consideração o seguinte:

- Se os domingos do Tempo Comum são 34, toma-se a semana que segue imediatamente à semana cujas leituras foram lidas em último lugar antes da Quaresma.

- Se os domingos do Tempo Comum são 33, omite-se a primeira semana que se deveria tomar depois de Pentecostes, para conservar assim, no final do ano litúrgico, os textos escatológicos assinalados para a duas últimas semanas.

### **b) Leituras para os domingos**

#### **105. 1) Leituras do Evangelho**

O 2.º domingo do Tempo Comum ainda se refere à manifestação do Senhor, celebrada na solenidade da Epifania, pela perícopes tradicional das bodas de Caná e outras duas, também elas tiradas do Evangelho de São João.

A partir do 3.º domingo, começa a leitura semicontínua dos três Evangelhos sinóticos: esta leitura ordena de tal forma que apresenta a doutrina própria de cada Evangelho, à medida que se vai desenrolando a vida e a pregação do Senhor.

Além disso, graças a esta distribuição, consegue-se certa harmonia entre o sentido de cada Evangelho e a evolução do ano litúrgico. Com efeito, depois da Epifania, leem-se os começos da pregação do Senhor, que têm uma estreita relação com o Batismo e as primeiras manifestações de Cristo. No final do ano litúrgico, chega-se espontaneamente ao tema escatológico, próprio dos últimos domingos, já que os capítulos do Evangelho que precedem o relato da Paixão tratam deste tema, de maneira mais ou menos ampla.

No ano B intercalam-se, depois do 16.º domingo, cinco leituras do capítulo 6 do Evangelho de São João (o “discurso sobre o pão da vida”); esta intercalação faz-se de modo conatural, já que a multiplicação dos pães do Evangelho de São João substitui a mesma narração segundo São Marcos. Na leitura semicontínua de São Lucas do ano C antepõe-se ao primeiro texto (isto é, o 3.º domingo) o prólogo do Evangelho em que se explica a intenção do autor, e para o qual não se encontra um espaço adequado em outro lugar.

#### **106. 2) Leituras do Antigo Testamento**

Estas leituras foram selecionadas em relação às perícopes evangélicas, com o fim de evitar uma excessiva diversidade entre as leituras de cada missa e sobretudo para evidenciar a unidade de ambos os Testamentos. A relação entre as leituras da missa torna-se evidente através da cuidadosa escolha dos títulos que se encontram no princípio de cada leitura.

Ao selecionar as leituras procurou-se, na medida do possível, fazer que fossem breves e fáceis. mas previu-se, também, que nos domingos fosse lido o maior número possível dos textos mais importantes do Antigo Testamento. Estes textos foram distribuídos sem uma ordem lógica, atendendo apenas à sua relação com o Evangelho; todavia, o tesouro da Palavra de Deus ficará de tal forma aberto que todos os que participam da missa dominical conhecerão quase todas as passagens mais importantes do Antigo Testamento.

#### **107. 3) Leituras do Apóstolo**

Para esta segunda leitura propõe-se uma leitura semicontínua das cartas de São Paulo e de São Tiago (as cartas de São Pedro e de São João são lidas no Tempo Pascal e no Tempo do Natal).

A primeira Carta aos Coríntios, por ser muito longa e tratar de diversos temas, foi distribuída nos três anos do ciclo, no princípio deste Tempo Comum. Também pareceu oportuno dividir a Carta aos Hebreus em duas partes, a primeira das quais se lê no ano B, e a outra no Ano C.

Convém advertir que foram escolhidas somente leituras bastante breves e não muito fáceis para a compreensão dos fiéis.

A tabela II que se encontra mais adiante indica a distribuição das cartas nos domingos do Tempo Comum para os três anos do ciclo.

### **c) Leituras para as solenidades do Senhor no Tempo Comum**

**108.** Para as solenidades da Santíssima Trindade, do Santíssimo Sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo e do Sagrado Coração de Jesus escolheram-se alguns textos que correspondem às principais características destas celebrações.

As leituras do 34.º e último domingo celebram Jesus Cristo, Rei do Universo, esboçado na figura de Davi, proclamado no meio das humilhações da Paixão e da Cruz, reinante na Igreja, e que deve voltar no fim dos tempos.

### **d) Leituras para os dias de semana**

**109.** 1) Os Evangelhos ordenam-se de tal modo que em primeiro lugar se lê o de São Marco (semanas 1.<sup>a</sup>-9.<sup>a</sup>), depois o de São Mateus (semanas 10.<sup>a</sup>-21.<sup>a</sup>), finalmente o de São Lucas (semanas 22.<sup>a</sup>-34.<sup>a</sup>).

Os capítulos 1-12 de São Marcos leem-se integralmente, excetuando-se apenas duas perícopes do capítulo 6 que se leem nos dias de semana de outros tempos. De São Mateus e São Lucas lê-se tudo aquilo que não se encontra em São Marco. Aqueles versículos que no Evangelho têm uma índole totalmente própria ou que são necessários para entender adequadamente a continuidade do Evangelho leem-se duas ou até três vezes. O discurso escatológico lê-se integralmente em São Lucas, e deste modo esta leitura coincide com o final do ano litúrgico.

**110.** 2) Na primeira leitura, vão-se alternando os dois Testamentos, várias semanas cada um, segundo a extensão dos livros que se leem

Dos livros do Novo Testamento, lê-se uma parte bastante notável, procurando dar uma visão substancial de cada uma das cartas.

Quanto ao Antigo Testamento, não era possível oferecer mais do que aquelas passagens escolhidas que, na medida do possível, dessem a conhecer a índole própria de cada livro. Os textos históricos foram selecionados de modo que deem uma visão de conjunto da história da salvação antes da encarnação do Senhor. Era praticamente impossível integrar os relatos muito extensos: em alguns casos foram selecionados alguns versículos, com a finalidade de abreviar a leitura. Além disso, algumas vezes se ilumina o significado religioso dos fatos históricos por meio de alguns textos tirados dos livros sapienciais, que se acrescentam em forma de proêmio ou de conclusão a determinada série histórica.

No *Elenco das Leituras da Missa* para os dias de semana do Próprio do Tempo,

entram quase todos os livros do Antigo Testamento. Omitiram-se unicamente alguns livros proféticos muito breves (Abdias, Sofonias) e um livro poético (o Cântico dos Cânticos). Entre as narrações escritas com uma finalidade exemplar, que exigem uma leitura bastante extensa para que se entenda, leem-se os livros de Tobias e de Rute; os outros são omitidos (Ester, Judite). Não obstante, encontram-se alguns textos destes livros nos domingos e nos dias de semana de outros tempos.

A tabela III, que figura mais adiante, indica a distribuição em dois anos dos livros de ambos os Testamentos nos dias de semana do Tempo Comum.

No final do ano litúrgico leem-se os livros que estão em consonância com a índole escatológica deste tempo, a saber, Daniel e o Apocalipse.

## CAPÍTULO VI

### **Adaptações, traduções para a língua vernácula e indicações do Elenco das Leituras da Missa**

#### **1. Adaptações e Traduções**

**111.** Na assembleia litúrgica, a Palavra de Deus deve ser proclamada sempre ou com os textos latinos preparados pela Santa Sé ou com as traduções em língua vernácula aprovadas para o uso litúrgico pelas Conferências Episcopais, segundo as normas vigentes.

**112.** O Lecionário da missa deve ser traduzido integralmente, sem excetuar a introdução, em toas as suas partes. Se a Conferência Episcopal considerar necessário e oportuno introduzir algumas acomodações, estas devem obter antes a confirmação da Santa Sé.

**113.** Devido ao tamanho do Lecionário, as edições do mesmo constarão necessariamente de vários volumes, acerca dos quais não se prescreve nenhum gênero de divisão. Cada volume deverá incluir os textos em que se explica a estrutura e a finalidade da parte correspondente.

Recomenda-se o antigo costume de editar separadamente o livro dos Evangelhos e das outras leituras do Antigo e do Novo Testamento.

Mas, caso se julgue conveniente, poder-se-á editar separadamente o Lecionário Dominical - no qual se poderá incluir uma seleção do santoral - e o Lecionário Ferial. O dominical poderá ser dividido acertadamente segundo o ciclo dos três anos, de modo que em cada ano se tenha tudo em sequência.

Onde se encontrar algumas distribuição que pareça mais apta para o uso pastoral, há liberdade para pô-la em prática.

**114.** Juntamente com as leituras devem estar sempre os textos dos cânticos; mas é permitido fazer livros que contenham somente os cânticos. Recomenda-se que se imprima o texto dividido em estrofes.

**115.** Sempre que a leitura conste de partes diversas, esta estrutura do texto deverá manifestar-se claramente na disposição tipográfica. Recomenda-se também que os textos, inclusive os não-poéticos, se imprimam em forma de verso, para facilitar a proclamação das leituras.

**116.** Quando uma mesma leitura apresenta as formas longa e breve, convém colocá-las separadamente, para que se possa ler com facilidade uma e outra; mas se essa separação não parecer oportuna, deve-se encontrar a maneira mais conveniente para que um e outro texto possam ser proclamados sem erro.

**117.** Nas traduções em línguas vernáculas não se deve omitir o título que precede o texto. A esse texto pode-se acrescentar, caso se julgue oportuno, uma admoestação que explique o sentido geral da perícopes, com algum sinal adequado ou com caracteres tipográficos distintos, para que se veja claramente que se trata de um texto opcional.

**118.** Em cada volume se acrescentará, oportunamente, um índice bíblico das perícopes, como se encontra no *Elenco das Leituras da Missa*, para que se possam

encontrar com facilidade nos Lecionários da missa os textos necessários ou úteis para determinadas ocasiões.

## 2. Indicações para cada leitura em particular

Propõe-se para cada leitura a indicação do texto, do título e as palavras iniciais com relação aos quais deve-se observar o seguinte:

### a) Indicação do texto

**119.** A indicação do texto (isto é, do capítulo e dos versículos) dá-se sempre segundo a edição da nova Vulgata, excetuando os salmos; às vezes se acrescenta uma indicação ao texto original (hebraico, aramaico ou grego), sempre que houver discrepância. Nas traduções em língua vernácula, de conformidade com o que decretar a autoridade competente em cada língua, pode-se seguir a numeração que corresponde à versão aprovada pela mesma autoridade para o uso litúrgico. Mas convém que haja sempre uma cuidadosa indicação dos capítulos e versículos, que se colocará também dentro do próprio texto à margem dele, quando isso julgar oportuno.

**120.** Disto segue-se que nos livros litúrgicos deve haver a “indicação do texto que se deve ler na celebração, e que não se coloca no *Elenco das Leituras da Missa*”. Esta indicação se fará segundo as seguintes normas, que podem ser modificadas por decisão das autoridades competentes, segundo os costumes e conveniências de cada lugar ou de cada língua:

**121.** 1) Dir-se-á sempre “Leitura do livro...” ou “Leitura da carta...”, ou “Proclamação do santo Evangelho...”, e não “Princípio” (a não ser que em alguns casos especiais pareça oportuno) ou “Continuação”

**122.** 2) Conservar-se-á o uso tradicional quanto ao nome dos livros, excetuando os seguintes casos:

a) Quando houver dois livros do mesmo nome se dirá “primeiro livro” e “segundo livro” (por exemplo, dos Reis, dos Macabeus) ou então “primeira carta” “segunda carta”.

b) Empregar-se-á o nome mais usado na atualidade nos seguintes livros:

“1.º e 2.º livro de Samuel”, em vez de 1.º e 2.º livro dos Reis;

“1.º e 2.º livro dos Reis”, em vez de 3.º e 4.º livro dos Reis;

“1.º e 2.º livro das Crônicas”, em vez de 1.º e 2.º livro dos Paralipômenos;

“Livro de Esdras e Neemias”, em vez de 1.º e 2.º livro de Esdras.

c) É preciso distinguir entre si os livros sapienciais, com os seguintes nomes: Livro de Jó, dos Provérbios, do Eclesiastes ou Coélet, do Cântico dos Cânticos, da Sabedoria, do Eclesiástico ou Sirac.

d) Quanto aos livros que na nova Vulgata figuram entre os profetas, se dirá: “Leitura do Livro de Isaías, de Jeremias, de Baruc”, e “Leitura da Profecia de Ezequiel, Daniel, Oséias... de Malaquias”, inclusive naqueles livros que alguns consideram não verdadeiramente proféticos.

e) Dir-se-á “Lamentações” e “Cartas aos Hebreus”, sem mencionar Jeremias ou Paulo.

**b) Títulos**

**123.** Cada texto traz título cuidadosamente estudado (formado quase sempre com palavras do mesmo texto em que se indica o tema principal da leitura e, quando for necessário, a relação entre as leituras da missa).

**c) As palavras iniciais**

**124.** As palavras iniciais são como de costume: “Naquele tempo”, “Naqueles dias”, “Irmãos”, “Caríssimos”, “Diz o Senhor”. Omitem-se, quando no texto houver uma suficiente indicação de tempo ou de pessoas, ou quando pela própria natureza do texto estas palavras não forem oportunas. Nas traduções em línguas vernáculas, essas fórmulas poderão ser mudadas ou omitidas, por decisão das autoridades competentes.

Depois dessas palavras vem o começo da leitura propriamente dito, tirando ou acrescentando algumas palavras segundo for necessário para entender o texto separado de seu contexto. No *Elenco das Leituras da Missa*, dão-se as convenientes indicações, quando o texto consta de versículos descontínuos, se isso obrigar a introduzir alguma mudança no texto.

**d) Aclamação final**

**125.** No final das leituras, para facilitar a aclamação do povo, convém imprimir as palavras que o leitor pronuncia: “Palavra do Senhor”, ou outras do mesmo teor, segundo os costumes de cada lugar.

## Tabela I

### Tabela dos tempos e das principais festas móveis do ano litúrgico

Ano do Senhor	Letra dominical	Ciclo dominical	Cinzas	Páscoa	Ascensão (Brasil)	Pentecostes	Semanas do tempo comum				1.º dom Advento
							Antes da Quar.		Depois do TP		
							Até o dia	Até a semana	Do dia	Da semana	
2008	f e	A - B	5 fev	23 abr	4 mai	11 mai	4 fev	4	12 mai	6	30 nov
2009	d	B - C	25 fev	12 abr	24 mai	31 mai	24 fev	7	1 jun	9	29 nov
2010	c	C - A	17 fev	4 abr	16 mai	23 mai	16 fev	6	24 mai	8	28 nov
2011	b	A - B	9 mar	24 abr	5 jun	12 jun	8 mar	9	13 jun	11	27 nov
2012	A g	B - C	21 fev	8 abr	20 mai	27 mai	20 fev	7	28 mai	8	2 dez
2013	f	C - A	13 fev	31 mar	12 mai	9 mai	12 fev	5	20 mai	7	1 dez
2014	e	A - B	5 mar	20 abr	1 jun	8 jun	4 mar	8	9 jun	10	30 nov
2015	d	B - C	18 fev	5 abr	17 mai	24 mai	17 fev	6	25 mai	8	29 nov
2016	c b	C - A	9 fev	27 mar	8 mai	15 mai	8 fev	5	16 mai	7	27 nov
2017	A	A - B	1 mar	16 abr	28 mai	4 jun	28 fev	8	5 jun	9	3 dez
2018	g	B - C	14 fev	1 abr	13 mai	20 mai	13 fev	6	21 mai	7	2 dez
2019	f	C - A	6 mar	21 abr	2 jun	9 jun	5 mar	8	10 jun	10	1 dez
2020	e d	A - B	25 fev	12 abr	24 mai	31 mai	24 fev	7	1 jun	9	29 nov
2021	c	B - C	17 fev	4 abr	16 mai	23 mai	16 fev	6	24 mai	8	28 nov
2022	b	C - A	2 mar	17 abr	29 mai	5 jun	1 mar	8	6 jun	10	27 nov
2023	A	A - B	22 fev	9 abr	21 mai	28 mai	21 fev	7	29 mai	8	3 dez



**Tabela II**  
**Ordem da segunda leitura dos domingos do Tempo comum**

<b>Domingo</b>	<b>Ano A</b>	<b>Ano B</b>	<b>Ano C</b>
2	1. <sup>a</sup> Coríntios 1 – 4	1. <sup>a</sup> Coríntios 6 –11	1. <sup>a</sup> Coríntios 12 – 15
3	"	"	"
4	"	"	"
5	"	"	"
6	"	"	"
7	"	2. <sup>a</sup> Coríntios	"
8	"	"	"
9	Romanos	"	Gálatas
10	"	"	"
11	"	"	"
12	"	"	"
13	"	"	"
14	"	"	"
15	"	Efésios	Colossenses
16	"	"	"
17	"	"	"
18	"	"	"
19	"	"	Hebreus 11 - 12
20	"	"	"
21	"	"	"
22	"	Tiago	"
23	"	"	Filêmon
24	"	"	1. <sup>a</sup> Timóteo
25	Filipenses	"	"
26	"	"	"
27	"	Hebreus 2 – 10	2. <sup>a</sup> Timóteo
28	"	"	"
29	1. <sup>a</sup> Tessalonicenses	"	"
30	"	"	"
31	"	"	2. <sup>a</sup> Tessalonicenses
32	"	"	"

**Tabela III****Ordem da primeira leitura nos dias de semana do Tempo comum**

<b>Semana</b>	<b>Ano I</b>	<b>Ano II</b>
1	Hebreus	1.º Samuel
2	”	”
3	”	2.º Samuel
4	”	2.º Samuel, 1.º Reis 1-16
5	Gênesis 1-11	1.º Reis 1-16
6	”	Tiago
7	Eclesiástico	”
8	”	1.ª Pedro, Judas
9	Tobias	2.ª Pedro; 2.ª Timóteo
10	2.ª Coríntios	1.ª Reis 17-22
11	”	1.ª Reis 17-22, 2.ª Reis
12	Gênesis 12-50	2.ª Reis, Lamentações
13	”	Amós
14	”	Oseias, Isaías
15	Êxodo	Isaías, Miqueias
16	”	Miqueias, Jeremias
17	Êxodo, Levítico	Jeremias
18	Números, Dt	Jr, Naum, Habacuc
19	Deuteronômio, Josué	Ezequiel
20	Juízes, Rute	”
21	1.ª Tessalonicenses	2.ª Ts, 1.ª Cor
22	1.ª Ts, Colossenses	1.ª Cor
23	Cl, 1.ª Timóteo	”
24	1.ª Timóteo	”
25	Esdras, Ageu, Zacarias	Provérbios, Eclesiastes
26	Zacarias, Neemias, Baruc	Jó
27	Jonas, Malaquias, Joel	Gálatas
28	Romanos	Gálatas, Efésios
29	”	Efésios
30	”	”
31	”	Efésios, Filipenses
32	Sabedoria	Tito, Filêmon; 2.ª e 3.ª Jo
33	1.º e 2.º Macabeus	Apocalipse
34	Daniel	”